



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
PROGRAMA DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL
SAÚDE MENTAL EM SAÚDE COLETIVA

Um olhar sobre fluxos de desejos no CAPS: Um painel dispositivo

RAFAEL MUSCALU RAICHER

ORIENTADORES:

Rosana Onocko Campos

Alberto Diaz

Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de
Aprimoramento Profissional em Saúde Mental

CAMPINAS

MARÇO 2011

Agradecimentos:

Primeiro sempre agradecemos quem vem primeiro. Portanto é aos meus Pais, que me fizeram e permitem que eu vá atrás dos meus desejos.

Agradeço às minhas irmãs, parceiras nos modos de viver e pensar.

À Rosana e Tato, mestres compreensivos e companheiros, mas que nos respeitam como profissionais e nos chamaram para as nossas responsabilidades.

Aos aprimorandos, grupo companheiro de itinerários, tão importante para meu crescimento e minha formação como pessoa. Em especial às três “irmãs”, moradoras da minha vida. Ana Paula, Helena e Tanya. Só nós sabemos por que passamos habitando-com. Sem vocês eu teria surtado, ou, por causa de vocês, não sei bem.

À equipe do CAPS, que me acolheu, me respeitou, me ensinou e *me* muitas outras coisas esse ano. Sentirei saudades de vocês.

À Tiago, Mariana, Débora, Marcus e Ariane, que antes mesmo de me conhecer, me aceitaram em suas casas e logo se tornaram amigos para vida.

Aos jogos de Tênis (e toda a amizade em torno da “tarefa”) com Bruno, Marcus e Tiago. Descarregamos nossos estresses nas coitadas das bolinhas. P.S. Ainda ganharei de todos vocês.

Aos meus amigos de São Paulo, que se mantiveram para vida, como sempre foram.

À Ciça Galleti e Daniel Hegg meus foras dos foras, sempre por dentro.

Ao Crispim, terapeuta que me acompanhou nesse meu último ano.

E é claro, aos que sentirei uma falta indescritível; foram grandes mestres, companheiros e queridos. Os usuários do serviço CAPS Novo Tempo, que sem a convivência com eles, nada disso teria sentido.

Sumário

1 - Introdução.....	3
2 - Alguns dos conceitos, contextos e teorias base para este trabalho.....	5
2.1 - A Espera Ativa.....	5
2.2 - O Desejo: Duas Visões.....	6
2.3 - A Tarefa primária do CAPS e os quatro tipos de Sofrimento Institucional.....	8
2.4 - O Aprimorando.....	9
3 – Do impessoal à 1ª pessoa do singular.....	11
3.1 – Itinerários de Formação.....	11
3.2 – Ser aprimorando, o encontro entre o CAPS e eu.....	13
3.3 – O meu <i>sofrimento associado a uma perturbação da fundação e da fundação instituinte</i> e o <i>sofrimento associado aos entraves para a realização da tarefa primária</i>	14
4 – O Painel dos Desejos.....	15
4.1 - Convivência.....	15
4.1.1 – 1ª pessoa: A difícil tarefa do viver <i>com</i>	16
4.1.2 – Impessoal – Desejo e o Conviver.....	18
4.2 – Uma idéia como Desejo – O Painel.....	20
4.2.1 – 1ª pessoa: O que é meu, seu e nosso no Coletivo?.....	22
4.2.2 – Impessoal – O Desejo como ameaça.....	24
4.3 – Decorrer do Painel.....	25
4.3.1 – 1ª pessoa: A responsabilidade do fazer a tarefa.....	26
4.3.2 – Impessoal – Entraves para a realização da tarefa primária.....	28
4.3 – Resultados do Painel.....	30
4.4.1 – Coletivizando o Desejo através dos desdobramentos do painel, ou seja, esse trabalho. 32	
4.4.2 – 1ª pessoa: Sucesso ou fracasso?.....	34
5 – Encaminhamentos Finais: Fluxos de Desejo.....	36
5.1 – 1ª pessoa: Um último eu.....	39
6 – Bibliografia.....	40

1 - Introdução

O presente trabalho é fruto da *espera ativa* realizada no cotidiano, especialmente no espaço da convivência, do trabalho como aprimorando em saúde mental dentro do CAPS III Novo Tempo. *Espera ativa* esta que talvez seja um dos mais importantes dispositivos para se trabalhar com a saúde mental e suas instituições. Diversos temas, diversos acontecimentos e diversas dinâmicas tocaram o autor neste ano, mas uma questão em especial apareceu de forma constante e ininterrupta.

A questão, ou seja, a escolha de análise é como a própria *espera ativa* por algum acontecimento e por algum tema clínico acaba por gerar novos elementos para análise. Não se analisa aqui um dispositivo criado pelo qual debate-se algum tema. Analisa-se aqui o processo de esperar ativamente por um acontecimento. Dessa forma, o conceito *espera ativa* aplicado no cotidiano entra em análise pelo autor através de uma dimensão crucial de tal dispositivo clínico: o *desejo*.

O conceito de espera ativa está intimamente ligado ao desejo. Sem abertura para captar os desejos próprios e dos outros a espera ativa é impossível. Poder-se-ia dizer que esperar ativamente é poder ler e atuar sobre os fluxos de desejos que emergem dentro de uma instituição como um CAPS.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é colocar em análise os próprios desejos do autor através do dispositivo criado por ele na convivência, chamado o “Painel dos Desejos”. Por ele e por seu processo pode-se analisar não só o dispositivo ou o autor, mas através dessas análises, capturar alguns dos fluxos de desejo presentes no CAPS; fluxos de vida, de vontades, fluxos potenciais e reais, fluxos de usuários, de trabalhadores e institucionais.

É importante ressaltar que há uma escolha política bem definida neste trabalho e no próprio dispositivo criado. Não se opta por falar em doença mental. Mas sim em produção de vida, em propiciar o fluxo de desejos e visibilizar palavras e vontades. Com isso, não se nega o sofrimento ou todo o conhecimento construído da psicopatologia perante aos ditos “transtornos mentais”, pelo contrário, apenas segue-se a recomendação de Basaglia (2001) em colocar a doença entre parêntesis e olhar para o sujeito, para a positividade da vida e não para a mortificação dos enfermos.

Dessa forma, no seguinte trabalho, primeiramente enunciam-se suas bases teóricas e o contexto das práticas que guiaram a metodologia utilizada. Depois se esmiúçam de forma rápida e sucinta os principais conceitos que são necessários para a compreensão da obra.

Feito isso, aborda-se a trajetória do autor para a realização e criação do dispositivo “Painel dos Desejos”, problematizando os fatos através da auto-análise feita pelo autor e da decorrente análise institucional.

Por fim, esta análise do dispositivo, das relações do autor e das relações institucionais levam à análise “macro” que é a do “fluxo de desejos”, centro e, por isso, encaminhamento final deste trabalho.

Outro ponto a situar é sobre a escolha metodológica em alternar o modo impessoal de escrita, científico, para a primeira pessoa do singular. Como o objetivo deste trabalho é partir da análise dos desejos do autor, para problematizar os fluxos de desejo do CAPS, é imprescindível que o autor se coloque implicado em seu próprio trabalho e que não se exima como sujeito criador desta obra. Porém, não é o objetivo criar uma autobiografia, ou um itinerário pessoal para expor a vida privada do autor ao público. A auto-análise serve como modo de analisar uma dinâmica que engloba as questões pessoais e a dinâmica dos desejos institucionais. Por essa razão e por considerar que essas questões vão muito além da biografia do autor, a forma impessoal também é utilizada. Essa alternância é feita explicitamente de modo que fique claro de onde partem as análises dos desejos do autor (Primeira pessoa do singular) e as análises decorrentes da dinâmica institucional e coletiva

(forma impessoal). Dessa forma, o capítulo quatro desse trabalho será feito em alternância. Cada subitem inicia-se com a apresentação do tema, na forma acadêmica tradicional, depois o autor se “põe” no texto, para depois, num jogo de falsas cisões, voltar à análise coletiva dos temas.

Baseia-se tal metodologia nos escritos de Kães (1991), o qual afirma as conexões narcísicas dos trabalhadores com os objetivos primários institucionais. Isto é, todo trabalhador, para poder produzir, tem que de alguma forma, colar-se (narcisicamente) aos objetivos institucionais do estabelecimento do qual trabalha. Assim, a auto-análise está intimamente ligada à análise institucional. Analisar os desejos do autor é também ferramenta para analisar os fluxos de desejo no equipamento.

2 – Alguns dos conceitos, contextos e teorias base para este trabalho.

Este trabalho parte de autores da análise institucional como Arthur H. Moura, Gregório Baremlitt, Jean Oury e outros. Também se sustenta por teóricos da filosofia da diferença como Deleuze, Guatarri, Rolink e Fuganti. Há também outros autores como Foucault, Amarante, Rosana Onocko Campos, Gastão W. Campos, Kães e tantos outros que contribuem para uma visão crítica no campo da saúde, saúde mental, psicanálise e psicologia.

No entanto, não é seu intuito apresentar um mestrado acadêmico hermético e teórico. Assim, esses autores servem de base epistemológica para melhor compreensão da obra que é, em última essência, um relato crítico da experiência do aprimorando autor sobre suas práticas no CAPS III Novo Tempo em Campinas.

2.1 - A Espera Ativa

Para entender o conceito de *Espera Ativa* é necessário primeiro enunciar que este é um *dispositivo* clínico e de gestão:

O dispositivo, como composto multivetorializado, como emaranhado de linhas, indica, numa primeira tomada, não a totalidade pretendida por muitas das abordagens grupálicas, mas as fraturas e a multiplicidade constituinte de qualquer prática. Relações de poder-saber, modos de ver e de falar, modos de subjetivar estão aí presentes. (BENEVIDES, 2010. p.2)

Assim *Espera Ativa* implica em milhares de outros conceitos intercalados. Baseia-se numa clínica do coletivo, das multiplicidades, dos dispositivos; enfim, de uma clínica ampliada que visa a produção de vida e de pluralidades que possam debruçar sobre os fenômenos da vida de forma complexa.

Nesse espírito Oury (1991, p.5) afirma que uma *Espera Ativa* “exige uma certa sensibilidade ao próprio estilo dos encontros: esperar passivamente, isto não é neutralidade, mas, freqüentemente, uma espécie de sadismo camuflado.” Esperar ativamente é ficar atento ao encontro, às singularidades, aos desejos dos outros, do coletivo. É produzir, ou melhor, é co-produzir para criar o novo e sair da repetição, da mortificação.

2.2 - O Desejo: Duas visões.

Segundo o Aurélio *Desejar* é

1. Ter desejo ou vontade de; querer, apetecer, ambicionar: *Sempre desejou o bem público.* 2. Ter gosto ou empenho em: *desejaria que o filho fosse o que ele não pôde ser.* 3. cobiçar, ambicionar: *Deseja coisas fora do seu alcance.* (...) 5. Querer (alguém ou alguma coisa) para determinado fim (...) 7. Aspirar ao que não possui ou goza; ter desejos: *Quem tem pouco deseja muito.* (FERREIRA, 1987. p.448)

Já, segundo o mesmo dicionário, *Desejo* é:

Do latim *desidiu*. 1. Ato ou efeito de desejar. Vontade de possuir ou de gozar. 3. Anseio, aspiração. 4. Cobiça, ambição. 5.

Vontade de comer ou beber, apetite. 6. Apetite sexual. (FERREIRA, 1987. p.448)

Essa visão “oficial” sobre o significado de desejo exprime em certo sentido a posição que tal termo tem na sociedade. O conceito de desejar pode ser substituído por outros cheios de “negatividade” como ambição, cobiça e incompletude. E mostra também um lado mais “animalesco” do homem como fome e sexo. Em certo sentido, podemos dizer que desejo é visto como um risco, como algo a ser reprimido.

Para a psicanálise do campo lacaniano o desejo é baseado também numa falta. O homem deseja, pois se sente incompleto e busca em objetos outros a sua satisfação. Porém, não parece haver aí um julgamento do mesmo valor implícito no Aurélio. O desejo é baseado numa falta, mas é isso que justamente move o humano. O Eu seria criado através do jogo entre desejos e faltas, entre o barrado e o permitido. É o desejo e esse jogo que cria o sujeito e a alteridade. É daí que nasce a civilização e que se produz a vida.

Já Deleuze e Guattari (1972), afirmam que o grande valor de Freud é por em pauta o desejo. “Descobrir” o desejo. Mas discordam dele sobre a falta. Para esses autores, o desejo é pura produção. Não há negatividade nele. Pelo contrário, ele é o motor da vida não porque falta algo para completar, mas simplesmente por ser uma força constituinte anterior a qualquer simbolização.

Não cabe neste trabalho ir adiante nesta discussão que é enorme e necessitaria muitos trabalhos dedicados exclusivamente a esse debate. O que nos interessa é o que há de comum a esses autores; a importância do desejo na vida humana. Seja pela falta que o produz, ou por forças produtivas, o desejo é o grande motor da civilização.

Todos esses autores concordam (por motivos muito distintos) que quando se trata de desejos, há grandes forças opositoras. Para a psicanálise (do campo lacaniano), opõe-se o desejo à realidade compartilhada, em uma espécie de contrato civilizatório. Já para a filosofia da diferença, o desejo por ser produtor é

também revolucionário, desterritorializador, e por isso, é combatido pelas forças do instituído e do controle.

2.3 - A tarefa primária do CAPS e os quatro tipos de Sofrimento Institucional

Kaes (1991) afirma que toda instituição possui uma tarefa primária pela qual foi criada:

A tarefa primária da instituição alicerça a sua razão de ser, a sua finalidade, a razão do vínculo que ela estabelece com os seus sujeitos: sem a sua realização ela não pode sobreviver. Assim, a tarefa primária das instituições de tratamento é tratar. (KÄES, 1991, p.54)

Dessa forma, as relações entre sujeitos e instituições consistem em mais do que um simples “freqüentar”, são nelas que a vida ocorre e que os desejos são realizados, barrados e compartilhados. E assim, o autor aponta basicamente quatro tipos de sofrimentos ligados a instituições:

O primeiro, *sofrimento do inextricável e patologia institucional*, seria decorrente da tendência que os sujeitos apresentam de não se diferenciar dos objetivos institucionais. Toda a dinâmica da instituição, seus problemas e objetivos, passam a fazer parte do sujeito individualizado. Acabam por não separar o que é do sujeito e o que é da instituição.

O segundo modo de sofrimento institucional, *sofrimento associado a uma perturbação da fundação e da função instituinte*, está ligado à desilusão dos sujeitos em relação à tarefa primária da instituição. O sujeito sente-se desconectado com essa tarefa, seja porque não “crê” mais nela, ou porque não acredita que a instituição cumpre ou visa cumprir a tarefa.

O terceiro, *sofrimento associado aos entraves para a realização da tarefa primária*, fala das maneiras de evitar a realização da tarefa primária. A burocratização e o passar o dia na sala de equipe, sem contato com os usuários são exemplos desse fenômeno. Isso se dá, pois, “a instituição protege os seus sujeitos contra a realização da tarefa deles.” (KÄES, 1991. p.55) e dessa forma mantém o *status quo* e evitam o sofrimento trazido por possíveis mudanças.

Já o último, *sofrimento associado à instauração do espaço psíquico*, é exatamente por decorrência dessa tendência de manter as coisas como estão. Qualquer mudança é vista como um risco para a estabilidade tanto da instituição, como dos sujeitos que pertencem a ela. Dessa forma, a tentativa de manter certo “marasmo” produtivo para evitar o sofrimento decorrente de mudanças e crises, é fonte, ele mesmo, de sofrimento, pois gera uma mortandade improdutivo.

Assim, segundo o site do Ministério da Saúde o objetivo do CAPS é:

Seu objetivo é oferecer atendimento à população, realizar o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários.(...)

É função dos CAPS:

(...)

- acolher e atender as pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, procurando preservar e fortalecer os laços sociais do usuário em seu território;
- promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais por meio de ações intersectoriais;
- (...)
- promover a reinserção social do indivíduo através do acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

Os projetos desses serviços, muitas vezes, ultrapassam a própria estrutura física, em busca da rede de suporte social, potencializadora de suas ações, preocupando-se com o sujeito e a singularidade, sua história, sua cultura e sua vida cotidiana. (BRASIL, 2011)

2.4 - O Aprimorando

O Programa de Aprimoramento Profissional (PAP) em Saúde Mental oferecido pela Unicamp-SP, Brasil consiste na inserção de jovens profissionais nos serviços de saúde mental da cidade de Campinas. Esses trabalham com as equipes profissionais dos serviços, porém, não fazem parte do quadro normal de funcionários, sendo bolsistas que atendem, além da prática, à supervisão e a aulas teóricas na universidade.

Esse contexto chama-se aqui de *fronteiriço*, pois permite aos aprimorandos exercerem uma função de *borda*, de linha de fuga que traz o *fora* para *dentro* do equipamento. O Aprimorando é um estrangeiro que habita o cotidiano do equipamento e, por isso, é grande fonte de Analisadores Institucionais. Não é um analista em si, pois não possui essa função contratada, porém sua presença, além de ser um analisador em si, também gera um *novo* institucional e clínico que desafia as forças instituídas e cria novos analisadores.

No entanto, o PAP em Saúde Mental existe há aproximados 15 anos e muitos dos trabalhadores da rede de saúde mental em Campinas foram ex-aprimorandos. Essa consolidação, ao mesmo tempo em que permite a livre entrada nos serviços, traz uma carga simbólica, uma mitologia, sobre os aprimorandos. Um desses mitos é justamente a função de *borda* citada acima.

Contradição interessante da qual os aprimorandos que chegam a cada novo ano tem que lidar, pois, a partir dessa idéia, pode-se afirmar que é instituído na rede a noção de que o aprimorando traz consigo uma força instituinte, o *novo*. Afirma-se assim uma contradição, pois as forças mantenedoras do *status quo* tendem a naturalizar as falas e ações dos aprimorandos e neutralizar seu poder instituinte: “vem ano e vai ano, todos os aprimorandos trazem as mesmas questões”. São os velhos *novos* que chegam. Já o aprimorando sente-se jogado nessa posição de “quase obrigação” para realizar dispositivos criativos e analisadores.

Por outro lado, a aceitação das equipes dessa condição permite uma grande liberdade para que os mesmos possam fazer seus projetos e não se sintam “engolidos” pelo cotidiano de trabalho no serviço.

Enfim, ser aprimorando é também ser jogado nesse contexto; é esperado que criem um *novo*, uma *ruptura*, porém, muitas vezes uma ruptura que se repete evidenciando ao mesmo tempo a importância de seu conteúdo (quando se fala sempre criticamente de um fenômeno, há uma grande evidência de um problema que traz angústia para os aprimorandos/bordas há anos), porém também demonstra uma repetição própria a esses aprimorandos; criticar sempre o mesmo não é estar também engolido pelo já *estabelecido*?

3 – Do impessoal à 1ª pessoa do singular.

3.1 - Itinerários de Formação

Como diz Oury (1991), as formações acadêmicas e práticas são importantes para saber quem são os trabalhadores da saúde mental (no caso, aprimorandos), porém os itinerários de vida que exprimem as escolhas e os momentos afetivos que levarão a um sujeito percorrer determinado caminho são de maior importância, pois são pelas marcas deixadas por estes momentos que podemos ter uma noção de quem são os sujeitos que estão ali trabalhando. Por que escolheram tal caminho? A fim de que? Para que?

Seguindo esta linha de pensamento, somada à idéia de Kães (1991), de que todo trabalhador de uma instituição tece ligações narcísicas com o objetivo primário institucional, e ao problematizar que o objetivo deste trabalho é também por em análise as implicações desejantes do próprio autor, opta-se por intercalar o texto da forma impessoal para a primeira pessoa do plural. A primeira representa a análise coletiva, baseada na prática e na teoria do autor. A segunda é a implicação do autor sobre a obra que é o substrato de onde surgem tais análises. Ao falar narcisicamente do *eu*, o autor fala da instituição, o *eu* é uma ferramenta desta

análise. No fundo, são duas faces da mesma moeda. A separação é artificial e proposital.

Deleuze (1986) afirma que todo sujeito é fruto de processos de individuação coletiva. Não há o indivíduo, somos todos múltiplos e frutos dessa coletividade. Os desejos *meus* dentro do CAPS, diante do painel dizem respeito à história *minha*, mas também de todos. Diz respeito aos acontecimentos cotidianos, à loucura, às políticas públicas de saúde mental. Os desejos dali, fluxos e contra-fluxos, todos eles estão implicados em *mim*, mas também, no trabalho, na tarefa primária do CAPS e em toda a dinâmica desejante no CAPS.

Portanto, a seguir começa-se por um pedaço do *meu*¹ itinerário, do que acho marcante em minha vida para uma melhor compreensão de quem é esse sujeito que vos escreve:

Considero-me uma pessoa afortunada quanto às possibilidades dadas ao meu crescimento e a minha vida até então. Tive chance de estudar em “bons colégios”, em uma boa universidade e em outra boa pós-graduação. Condições materiais nunca me faltaram. Tive oportunidade de viajar, de “conhecer o mundo”. Sempre tive bons amigos, e já vivi bons amores. Enfim, sempre fui um “incluído” na sociedade: Branco, boas condições financeiras, estudado, sociável, vivido. Porém, até por existir tal facilidade em “fazer parte”, não deixo de ver com boa dose de ironia toda essa “inclusão” que me pertence.

Porém, apesar de sempre “fazer parte”, tento desterritorializar-me, seja de forma literal ou não literal, de formas “grandiosas” ou microcósmicas: intercâmbio, mochilão, viagens, salto de pára-quedas, perdas, mortes, violências, encontros, mestres, paixões, amores, terapias, fotografia, música, arte, etc. Enfim, a lista é grande, e algumas dessas rupturas depois foram se mostrando mais um padrão do que um corte, ao mesmo tempo em que tantas outras, inesperadas, apareceram. Minha existência sempre foi, e me orgulho disso, nômade. Contraditório é que tal

¹ Obviamente excluíram-se aqui muitos pontos, deliberadamente e não deliberadamente. Além do limite de espaço, muito do conteúdo possível é omitido, pois não é a intenção do autor fazer um tratado sobre a própria vida, como em qualquer vida há momentos do itinerário que são privados ou que não merecem ser publicizados. Como critério, o próprio autor julgou escrever o que avaliava como relevante para a obra.

nomadismo é um padrão. E sempre com uma possibilidade de voltar para casa, sempre feito através dos “includos”.

E está ai um dos germens de minha paixão pelas “marginalidades”, pelas bordas, pelas contradições que não nasceram para serem resolvidas. Minha escolha primeira para a psicologia, com apenas 18 anos segue essa lógica, especialmente quando foco minha atenção nos sujeitos borda, nos loucos, nos violentos, nos pobres e etc. Nunca foi uma questão de “querer ajudar os outros”, nunca tive esta pretensão colonizadora. A marginalidade sempre foi uma escola para mim, sair do pertencimento, mesmo nunca saindo de fato dele, é uma questão de ética referente ao meu modo de viver. Não poderia ser diferente. É na mistura da borda social, subjetiva, que me encontro.

Ai também se situa a minha paixão pela crítica, pela desconfiança nas realidades prontas. *Desterritorializar* é sempre fundamental para mim. O instituído, o comum sempre me incomoda. Mas sei também que o instituído só pode me incomodar porque sempre parto dele. Como disse, faço parte dos “includos”, posição confortável para encontrar com o *fora* sem ser totalmente capturado por ele.

3.2 – Ser aprimorando, o encontro entre o CAPS e eu.

O aprimoramento na Unicamp segue esse padrão de entrar “confortavelmente em contato com o desconfortável” e a partir daí produzir alguma diferenciação. Uma base na tradição, no nome, e uma paixão pela marginalidade, era essa a fama do PAP, e tinha a “minha cara”. Uma escolha “natural”. Indicado por professores e amigos. Entrei por seguir um fluxo.

Antes de vir à Campinas, estava num momento “territorializado”. Quatro anos na mesma cidade, terminando a faculdade, no mesmo curso com a mesma turma, os mesmos amigos, os mesmos programas, dois anos na mesma casa e namorando a mesma mulher. Obviamente isso não significava a vida sem novidades, pelo contrário, era um momento de grande produção, de felicidade, mas sem grandes oscilações. A vida seguia uma linha.

Chegando a Campinas, a linha se desfez, rupturas aconteceram, amigos, namorada, vida de estudante, vida cultural. Enfim o cotidiano era outro. E ao mesmo tempo em que minha vida sofria um processo de desterritorialização eu entrava em contato diário, cotidiano com a loucura, com o sofrimento, com os desejos barrados dos usuários do CAPS e com a desilusão comum aos trabalhadores do serviço.

A escolha pelo CAPS Novo Tempo não foi diferente. Chamou atenção o momento de (re)forma, de (re)formulação do CAPS. Eram Novos Tempos depois de uma reforma conturbada, haviam muitas possibilidades. Era um CAPS potência, (e eu, recém formado, também era um profissional potência) mas era também um CAPS de *tradição reformista*. Era esta ironia, contraditória como eu, que me chamava quase que magneticamente para ir trabalhar ali.

Por fim, Campinas também me era uma cidade “maldita”. Não queria estar ali, queria o PAP, o CAPS III, queria a experiência, mas a cidade não me era acolhedora, simbolicamente e esteticamente não me agradava. Passei o ano todo lidando com isso. Desejos conflituosos, sentidos e significados múltiplos. Campinas não era fácil.

3.3 - O meu sofrimento associado a uma perturbação da fundação e da função instituinte e o sofrimento associado aos entraves para a realização da tarefa primária.

Frustração; a tarefa primária moldada na faculdade, na literatura, entra em contato com a prática e gera muitas dúvidas, muitas coisas sem sentido, e não era só no Novo Tempo, era com o modelo de política dos CAPS.

Estava sem chão, um estrangeiro de tudo aquilo, nunca acreditei em ideologias, e o mote anti-manicomial era o mais perto disso, mas observava acontecimentos manicomiais diariamente dentro do CAPS, muito mais sutis e muito mais poderosos. Muros Mentais como diria Pelbert (1990) Mas as críticas dirigidas aos outros, aos funcionários, logo amadureceram, eu também, como os outros, não conseguia fazer nem metade do que acreditava, do que lia, do que propunha. O

cotidiano era mais cruel e com menos sentido. Não achava uma coesão na tarefa primária; via poucos acontecimentos de reabilitação psicossocial, na maior parte do tempo medicalizava-se e esperava a crise passar, docilizava-se os corpos, tanto dos trabalhadores como dos usuários, “paciente bom e que estava bem era o que não dava trabalho”.

Porém, não eram apenas *eles*; mesmo eu que tinha a vantagem de ser borda, de não precisar responder a certos processos de trabalho, apesar de não repetir certos atos sem sentido e manicomiais que via acontecendo como “de fora”, fazia eu outros atos sem sentidos e até manicomiais. Ao esquecer que tinha marcado com certo paciente, ao combinar algo e não cumprir acabava por quebrar contratos. Me via fazendo isso com usuários e equipe, e isso me atordoava. Causava sofrimento. Será que eu tinha me livrado dos manicômios mentais durante toda a minha formação? Será que alguém se livra? Será que a ideologia e a política ignoram isso ao demandar uma nova forma de atender e repreender qualquer forma antiga?

E porque o meu maior problema estava em manter combinados? Porque meu desejo de fazer coisas, e de fazer de modo diferente não se cumpria?

Ter vindo a Campinas, significava seguir minha trajetória profissional, porém a pessoal estava confusa. Será que eu bancava esse desejo? Queria mesmo estar ali? Queria mesmo investir numa carreira tão mal reconhecida, mal remunerada? Saía do ambiente universitário protegido, saía de casa e me lançava ao incerto.

4 – O Painel dos Desejos

4.1 - Convivência

Muitas vezes o PTI de um usuário é “ficar na convivência”, freqüentar diariamente o CAPS, outras vezes é estar nos leitos dia e/ou noite. Mas qual é a potência de ficar o dia sentado na convivência? Pode-se fazer algo além disso?

Nesse último ano muito do tempo do aprimorando foi passado na convivência. Espaço por excelência para uma *espera ativa*, e por isso levantadora de muitas questões. É verdade que as diversas patologias e sofrimentos que se encontram no CAPS dificultam uma convivência “ativa”. Também, a rotina “engolidora” e as faltas estruturais e de respaldo teórico e de formação dificultam o trabalho dos profissionais para que fiquem atentos numa espera ativa dentro do espaço da convivência, porém não são apenas as exterioridades que nos impedem de com-viver ativamente com a loucura e com os loucos.

A implicação da vida dos trabalhadores no projeto do CAPS, no estar e lidar com a loucura do coletivo também permitem ou barram as possibilidades de conviver de fato com desejos insanos. Parte é nossa, parte é deles, e essas partes se misturam sempre em um “*com*”, sempre em um coletivo, porém um coletivo que se agrupa pela e para a insanidade.

Frutos dessa ausência do serviço na convivência, os usuários acabam por ficar totalmente desapropriados de seus PTIs e, muitas vezes, acabam por ficar na convivência sem entender seus motivos e sem se identificar com o tratamento. A convivência acaba por se assemelhar em muitos aspectos, com aqueles “depósitos de pessoas” dos manicômios. E quando presentes, os trabalhadores acabam por exercer quase que exclusivamente a função ingrata em sem sentido (para todos, trabalhadores e usuários) da vigília. Conviver acaba por ser tornar sinônimo de controle; para que não haja brigas e gritos, para que não haja fugas, para que se tente organizar a loucura aos modos morais típicos aos “normalpatas”.

Concretamente, isso acaba por restringir o tratamento à freqüência de oficinas, à medicação e a outras ações como VDs, M.A.s, transporte e leitos. Todas de grande importância. Porém qual é a eficácia terapêutica em freqüentar o CAPS além das atividades designadas? Por que se pede para que fiquem na convivência? Se a aposta, em teoria, é que o CAPS não seja um ambulatório de procedimentos de enfermagem e psis e que haja um espaço para se freqüentar, conviver de maneira horizontal e coletiva, porque quando se convive a questão central acaba por ser dar limites e continências? Limites não seriam apenas parte de uma vida

social? E aonde estaria todo o *entre* que há entre as fronteiras? E o fora²? Porque eles não aparecem nas ações próprias e dos outros?

4.1.1 - 1º pessoa: A difícil tarefa do viver com.

Logo de início a recomendação era para que freqüentássemos todos os espaços possíveis, conhecer o serviço. Logo escolhi a convivência como meu lugar favorito no CAPS, passava dias inteiros conversando com usuários, às vezes um a um, outras em pequenos grupos. Queria conhecê-los, saber seus nomes, quem eram. E a demanda era grande. Muitos vinham conversar comigo, alguns mais, outros menos. Mas, de início, me assombrava a falta de trabalhadores naquele espaço. Todos corriam o tempo todo e pareciam ficar o mínimo possível na convivência.

Com o tempo, fui me colocando em mais e mais tarefas dentro do CAPS, e meu tempo na convivência foi diminuindo. Logo entendi porque havia poucos funcionários ali. Muitas vezes me sentia como que não estivesse trabalhando ali, tinha que tocar oficinas, atender, fazer triagens e etc. A convivência não tinha sentido, não tinha projeto. Como se trabalha sem projeto? Era também repetitiva, morta. Sempre os mesmos, as mesmas questões, havia grande dificuldade em ver ali alguma produção palpável; mais fácil de ser ver era a incômoda cronificação.

Passei por uma fase de também evitar a convivência, chegava ao CAPS, e ia direto à sala da equipe, e lá muitas coisas aconteciam, mas também pouco se entrava em contato. Com o tempo, as dificuldades da equipe, o sofrimento do trabalhador começou a “me contaminar”. Eu que era borda, me sentia muito mal ao lado das queixas da equipe, dos desentendimentos, tudo aquilo era muito perto de mim. Dizia respeito diretamente a mim. Achei abrigo então, novamente, na convivência com os usuários. Lá as paralisações eram outras, eram loucas, eram de outros seres humanos com problemas muito mais “distantes” que o meu. E poder

² Sobre esse tema ler PELBERT (1993)

olhar para isso deu o respiro necessário para continuar a trabalhar. Afinal estávamos ali para eles.

Um ponto interessante a observar é que comecei a evitar a convivência exatamente no momento em que estabeleci vínculos mais fortes com muitos dos usuários dali. Penso, que apesar de não ter as mesmas responsabilidades que uma referência tem com seus usuários, ao vincular-me com muitos deles, não podia mais transferir suas demandas aos outros e tinha que lidar com essas responsabilidades eu mesmo. Isto é, a princípio não os conhecia, e quando me pediam algo, eu falava para ver com quem sabia, ou ia buscar a informação eu mesmo, mas depois, com o tempo, já não desconhecia tanto seus casos e estava vinculado a eles. Assim partes de suas demandas (aquilo que me tocava por estar vinculado e também aquilo que eu sabia por conhecer parte do PTI) viravam responsabilidades minhas também. E ser suporte desses desejos, tomar para si parte das responsabilidades por eles era exaustivo e difícil.

4.1.2 - Impessoal – Desejo e o Conviver

O aprimorando, sujeito borda, se sentia cansado na convivência e encontrava milhares de outras coisas para fazer, mesmo que, diferentemente aos trabalhadores, não tinha que se haver todo dia com aqueles usuários, ele não tinha a responsabilidade de ser um empregado, não *tinha que* responder à instituição do CAPS (mas à UNICAMP), não *tinha que* estar naquele espaço.

Já os trabalhadores *tinham que*, mas será que queriam? Será que os seus desejos eram o de estar ali, escutando os desejos alheios, loucos e doentes?

A reforma psiquiátrica brasileira criou uma instituição “ideal”, o CAPS III, em conseqüência, seus trabalhadores também teriam que ser ideais. E seus usuários também. Será que no meio de tantos heróis cabem os sujeitos? Será que é permitido dentro de uma instituição como essa admitir que muitas vezes não queremos estar ali, não queremos escutar, não queremos tratar ou cuidar, mas que temos que estar lá? Que essa é nossa profissão, nossa escolha de vida.

Como resolver tal impasse, como se pode exigir dos trabalhadores uma *Espera Ativa*, uma escuta para os desejos, se parece haver um grande desejo inconfessável de não estar ali? Uma frustração diária em não ser herói.

E isso não é gratuito. Conviver com as demandas da psicose não é fácil. Conviver com o grupo de trabalhadores também não. É como afirma Benevides de Barros (1996), todos somos uma grupalidade dentro de nós mesmos:

A noção de subjetividade implica imediatamente a de multiplicidade, pois ela pode se apresentar de formas parciais e fragmentadas, não sendo passível de totalização ou centralização. As subjetividades do tipo indivíduo são, assim, **efeitos** da serialização capitalística que investe o desejo como sendo do indivíduo e o social como sendo algo exterior ao mesmo, seja ele construído a partir desse desejo individual, seja conformando-o. (1996, p. 6-7)

E dessa forma, conviver é entrar em contato direto com as angustias que acreditamos serem unicamente individuais, e conviver com a loucura é lidar com a nossa insanidade.

Assim, é por essas razões que Kães afirma que uma maneira de tentar evitar o sofrimento é se refugiar em ideologias. Porém quando essas ideologias viram a tarefa primária do serviço? Afinal um CAPS não tem como objetivo único tratar, mas também ser a bandeira da reforma psiquiátrica. O CAPS é um local do *ter que*. Esses idealismos contribuem para trazer sofrimentos, e sofrimentos, assim como as situações de crises, são sempre evitados, nunca são vistos como potência de transformação.

Co-responsabilização é um mote ideal, porém na prática, trabalhadores sentem-se responsáveis pelo outro. Definem PTIs por eles, dizem o que é melhor para eles e não suportam qualquer demanda vinda deles, pois essas demandas vem mais como uma força desestabilizadora do que um elemento clínico a ser potencializado. Os sujeitos trabalhadores, múltiplos, pertencentes a um coletivo insuficiente (em relação à tarefa primária) se sentem também insuficientes (em relação ao que eles se propõem a fazer), assim conviver com esses desejos loucos e desestabilizadores parece uma tarefa quase impossível.

É importante ressaltar que aqui se fala de uma dimensão do cotidiano, uma dimensão das forças presentes no CAPS. Outras dinâmicas também acontecem na convivência, muitas vezes essas demandas são sim ouvidas, valorizadas. A autonomia e alteridade do outro também acontece de ser respeitada. Porém a responsabilização maciça pelo outro é uma dinâmica sempre presente, sempre em conflito com essas outras e no caso do Novo Tempo parece que a insuficiência é muitas vezes mais aparente, não necessariamente por existir em mais quantidade (como se desse para medir algo assim), mas por parecer fazer questão de se mostrar e de ser apontada.

4.2 - Uma idéia como Desejo – O Painel

Baseado principalmente na leitura do livro de Moura (2003) e nas questões sobre a convivência levantadas acima, o aprimorando criou um novo dispositivo para ser utilizado no espaço da convivência.

O “Painel dos Desejos” era uma maneira de estimular a circulação de desejos que pareciam mortificados entre os usuários e trabalhadores. Era uma maneira de dar voz a aquilo silenciado pela burocratização e rigidez do serviço.

Ao mesmo tempo, era um dispositivo aparentemente simples. Um quadro branco na convivência com três colunas. *Ofertas*, *Desejos* e *Acontecimentos*, como no exemplo abaixo:

Ofertas	Desejos	Acontecimentos
	Quero conversar –G.	Estagiários da PUC vieram conhecer o CAPS

Queremos fazer banderinhas Verde-amarelas para decorar o CAPS para a copa – Rafael, Nara, Rita		
	Quero Cia para ir ao ponto de ônibus nessa semana– A.	

Com isso não elaboraríamos um SCAJ³ nem um Clube dos Saberes como nos moldes da Clínica La Borde (MOURA, 2003.) que exigia uma organização e uma mobilização institucional que se avaliou não haver na época.

Se a liberdade de circulação dos doentes está comprometida; se as relações entre o pessoal são hierarquicamente rígidas e com pouca integração entre as equipes; se é baixo o desenvolvimento das atividades de formação, principalmente psicoterápica; se os grupos funcionam como rebanhos, dirigidos externa e artificialmente e se há uma separação muito forte entre as atividades intra e extra-hospitalares, a constituição de um Clube Terapêutico será, embora não impossível, seriamente dificultada. (MOURA, 2003. p.103)

No entanto, essa idéia era uma síntese adaptada desses dispositivos à realidade do CAPS, continha em si o intuito de estimular a troca de saberes, ações, sentimentos e desejos, ao mesmo tempo em que se pretendia organizar horizontalmente algumas das ofertas e pedidos dentro do equipamento. E seguia o mesmo espírito desses outros dispositivos:

O Clube Terapêutico, o rodízio de tarefas e de postos de trabalho, o sistema de reuniões, (...), as oficinas etc. São processos, mecanismos, lugares concretos que se constituem em espaços de dizer, onde há uma emergência do desejo e onde se dão efeitos de transferência (Delion, 1998) e que, pelos laços que aí se criam, como também pela sua freqüentação repetitiva, devem ser

³ Durante uma meia hora ou uma hora pode-se dizer as coisas as mais absurdas, pode-se enunciar aí os desejos mais irrealizáveis, as fantasias ou os delírios mais incoerentes. Os enunciados se colocam um após o outro, sem necessidade funcional nenhuma, mais exatamente na lógica do SCAJ. Definimos assim esta reunião com uma máquina de falas vazias. (Moura, 2003 p.85)

considerados “como verdadeiras instituições, que participam no processo terapêutico” (Tosquelles, 1985b, p.134). Estas instituições têm por função propiciar o surgimento de transferências múltiplas e, a partir da participação e circulação em seus diferentes espaços, dificultar dentro do possível o estado de inação a que tende sucumbir o paciente, ao mesmo tempo que propicia, por parte dele, a tomada de responsabilidades.(MOURA, 2003 p. 38 e 39)

As *Ofertas* são entendidas concretamente como aquilo que um pode oferecer ao outro e, dessa forma, permite ao usuário e ao trabalhador, ao entrar em contato com uma indagação; a de pensar na alteridade, no outro e naquilo que sempre podemos oferecer ao outro. Já a coluna dos *Desejos* é o lugar para dar vozes a aquilo que normalmente fica silenciado. Não importa se são desejos concretizáveis, reais ou até mesmo que seriam censuráveis em outros espaços. Por último, a coluna *Acontecimentos* (mudado por sugestão a *Acontece aqui...*) têm a função de dar a palavra sobre aquilo que os que estão na convivência acham importante relatar sobre o cotidiano no CAPS.

Assim, o Painel seria um dispositivo realizado no seio da convivência do CAPS, não em uma sala separada, nem com um horário pré estabelecido, mas um setting múltiplo poli-referenciado ao mesmo tempo constante e delimitador, capaz de dar voz a alguns desejos. Uma espécie de Clube Terapêutico e do Saber dinâmico, diário, reescrito diariamente na convivência. Uma cartografia de desejos e ofertas do dia-a-dia daqueles que freqüentam o CAPS, uma maneira de produzir e escrever a “aparente” imobilidade que muitas vezes toma conta da convivência:

O grupo-dispositivo afirma-se em sua capacidade catalizadora dos fluxos dispersos que se apresentam em cada cena. Como dispositivo, recusa qualquer forma de totalização e unidade. Como dispositivo, é sempre multilinear. Como composto de linhas de natureza diversas, o grupo-dispositivo está sempre nas adjacências de modos outros de territorialização. Em todo dispositivo, disse Deleuze, “é necessário distinguir isto que nós somos, isto que não somos mais, e isto em que estamos nos tornando...”. É assim que entendemos o grupo - um dispositivo que põe a funcionar máquinas de desmanchamento do “indivíduo” que nós somos, que acionam movimentos no que deixamos de ser no encontro com a alteridade que nos avizinha e no deslizar pela superfície daquilo que estamos

em via de diferir e nos tornar. (BENEVIDES DE BARROS, 1996. p. 8)

4.2.1. - 1º pessoa: O que é meu, seu e nosso no Coletivo?

Via toda aquela imobilidade na convivência e decidi que era nela que queria me debruçar. Os desejos dos usuários me pareciam silenciados. A convivência parecia inabitada de trabalhadores e assistência. Os usuários pareciam demandantes de algum tipo de atenção, pediam a presença de trabalhadores. Assim, começou a surgir a idéia de um dispositivo da convivência, não uma oficina em outro lugar, nem um grupo de algo, mas um dispositivo que fosse próprio do dia-a-dia daquele espaço. Porém não o queria fazer só, não queria que fosse um projeto meu, mas que trabalhadores e usuários também o abraçassem. Eu era um estrangeiro, e de nada adiantava impor uma idéia estrangeira no lugar e depois ir embora achando que fiz alguma ruptura.

Incomodava-me o simples fato de ter que explicar a idéia, achava que tinha que ser apenas uma faísca iniciadora de um processo e que as pessoas iriam moldá-la com o tempo. No fundo, me incomodava que a idéia fosse minha, que ela tivesse um “proprietário”. Era para ser coletiva. Mas ela também deveria partir de algum lugar. E não soube lidar com esta contradição.

Não queria nem que o nome se definisse como “Painel dos Desejos”, esse foi dado por mim temporariamente, queria que tivesse sido uma escolha dos usuários, tampouco problematizei o nome, porque pensei nele tão rápido e não achei outro, nem sozinho, nem com os usuários? O que significava esse nome? Porque o Desejo era uma questão? Como os outros iriam ler tal palavra?

Enfim, quando o painel ainda era uma idéia, um projeto, fiquei com muitas dúvidas. Mas a principal era, se o projeto é em sua essência para um coletivo e pensando no coletivo, porque a idéia era só minha? Montar o painel era impor ou emprestar um modo de ver o mundo?

Sabia teoricamente sobre conceitos como “*oferta*” e ter que “*emprestar os desejos*” muitas vezes ao psicótico. Tais conceitos afirmam que numa dinâmica mortificada, repetitiva, se alguém ou algo aparece com uma força desejante, mesmo que “individual” e vinda de fora, aquela força pode produzir um *novo* e engatilhar outros desejos e rupturas. Porém, tais teorizações não me ajudavam. Sabia daquilo, e concordava com aquilo, mas na prática, continuava me sentindo sozinho e tal solidão transformava a atividade em algo sem sentido.

Mais tarde, percebi que também estava em busca dos meus desejos. Estava ali porque era “natural” no meu itinerário até ali. Seguia o caminho porque era dado. Mas qual era meu desejo ali? Sempre quis dar voz à loucura, sempre me senti bem ao lado dela, porém nunca foi fácil, o sofrimento é enorme. A valorização é mínima. E percebia que esse não era um problema só meu, mas de todos dentro de um CAPS. Com o “Painel dos Desejos” queria traçar também meus desejos, queria compartilhar-los. Afinal, sabem os trabalhadores porque estão ali? Sabia eu? E os usuários?

4.2.2. – Impessoal – O Desejo como ameaça

O desejo é tema de alta complexidade. Afinal, todos desejam, e todos desejam que outros desejem. Desejo é vida. Porém, nota-se que o desejar é algo altamente ameaçador para a grupalidade. Seja por seu caráter revolucionário, como diria Deleuze & Guatarri (1972), ou por ameaça a um contrato civilizatório como diria a corrente psicanalítica.

Num equipamento como os CAPS, que trata de sujeitos marginalizados, loucos, o desejo é central. Assim como sua ambigüidade. De certa maneira, a sociedade considera que os loucos desejam “de forma errada”, seja pelo excesso, pela excentricidade, pela irrealidade, ou pela falta de. O desejo do louco é considerado um erro. Mas é justamente na possibilidade de escutar, negociar, interagir, permitir, negar, argumentar esses desejos que reside o tratamento.

Já os trabalhadores obviamente também desejam, e desejam para si, para os outros e para o coletivo. Desejos esses que nem sempre são publicáveis ou confessáveis. Ou seja, desejos também considerados errados, que devem ser reprimidos para que os trabalhadores não arrisquem emergir as suas loucuras.

A escolha do aprimorando para nomear esse dispositivo como “dos desejos” não foi gratuita, apesar de não ser consciente à época. Especialmente no espaço da convivência. Desejar no CAPS é um problema. Escutar os desejos dos outros também é quase impossível. Exaustivo. E não deveria ser a tarefa de apenas um, ou de poucos, mas sim de um coletivo.

Porém não é assim que ocorre, é não é o intuito de este trabalho dizer como “deveria” ser. Não queremos criar mais ideais, mas problematizar como se dão as coisas (ou pelo menos como deram na experiência do aprimorando no CAPS Novo Tempo). E o trabalhador sofre por não conseguir fazer seu trabalho, por não conseguir ser ideal. O usuário sofre, e sofre porque deseja, porém ninguém consegue estar disposto (seres-dispositivos) a escutar, respeitar e valorizar seus desejos. Conseguem sim valorizar o sofrimento, e sofrem com isso, mas dar potência a força desejante é ameaçador, é cansativo e é trabalho para “heróis”.

Essa é a desgraça maior do indivíduo submetido a uma instituição: a perda da sua capacidade de desejar, de assumir seu desejo. De tanto contato com a repressão, acaba por internalizá-la e passa a desejá-la. Reafirmando assim, a ilusão da instituição de que realiza um trabalho civilizatório, quando realmente produz submissão. (SOUSA, 1984, p. 22)

4.3. - Decorrer do painel

O processo pelo qual se instalou o Painel também é grande analisador da questão dos desejos. Demorou-se para instalá-lo, e nunca se conseguiu que tornasse um dispositivo freqüente, instituído, ou mesmo visível para o resto do equipamento.

Porém não há aqui a noção de fracasso ou sucesso do determinado dispositivo. Ele foi fonte de diversos temas analisadores, e tocou na dinâmica

institucional, gerando inquietações e novidades. Seu processo, truncado e ambíguo, também levou ao autor colocar em análise suas práticas, e contextualizar tal análise no âmbito do coletivo institucional criando assim este trabalho. Outro dispositivo, fruto do painel que tem como pretensão gerar novas inquietações e rupturas.

Algumas características do processo são muito importantes apontar. Primeiro, a demora para instalá-lo. Segundo, a precariedade estética e funcional do painel. O aprimorando conseguiu reformar um quadro branco, porém a caneta, apesar de própria para uso, marcava permanentemente o esmalte do quadro, tornando-o avermelhado e sujo com tempo. Também as letras coladas com cola quente foram caindo aos poucos, e o escrito “Painel dos desejos” se tornou “Painel do de ejos”. (E houve demora em refazê-lo). Terceiro, a falta de uma constância temporal para realizá-lo. O aprimorando fazia “quando dava”. E assim não se instituíu um momento, um horário fixo para a produção do Painel. E por último, a difícil coletivização do painel, isto é, o painel era considerado uma atividade do aprimorando. Poucos trabalhadores se interessavam, e esses poucos raramente tinham pernas e tempo para realizá-los por conta própria.

Por outro lado, toda vez que feito, o painel tinha grande número de usuários participantes. Inclusive aqueles cronificados que tinham poucos espaços para se exprimir. Os conteúdos que saíam também eram preciosos para a clínica do CAPS. Elogios e protestos quanto aos atendimentos, relato de acontecimentos que normalmente são ignorados, mensagens para outros propiciando convivência e vários outros pontos que serão mais bem discutidos no item resultados do painel.

4.3.1. - 1º pessoa: A responsabilidade do fazer a tarefa.

Pensei nesse painel no fim de maio e em princípio de junho fiz a proposta, por escrito à equipe do CAPS, porém apenas no fim de setembro consegui de fato pendurá-lo e dar início as suas atividades.

Por que um dispositivo tão simples que necessita tão pouco recurso demorou tanto para acontecer? Por que um desejo meu não se cumpria dentro do CAPS?

Não é apenas coincidência e/ou ironia que justamente o meu desejo de dar vazão aos desejos dentro do CAPS não se permitia a nascer. A todo o momento, apenas dependia de mim, ao menos para iniciar o painel. Tive apoio da equipe do CAPS e dos colegas aprimorandos. Mas tardei para realizá-lo.

Procurei parcerias, porém encontrei “apenas” incentivos. A idéia era boa, estava de acordo com que muitos achavam que era o trabalho do CAPS. Mas eu não fui incisivo, esperei acontecer. E o desejo era meu, o projeto ainda era meu, a coletivização era apenas uma segunda etapa. Afinal, uma idéia só pode ser compartilhada no plano das idéias, não se faz presente pelo outro, mas sim por aqueles, que em consonância com seus desejos, estão dispostos a concretizá-la.

Como disse anteriormente, o desejo pode ser visto como uma ameaça, porém não apenas o desejo do outro é ameaçador. Os meus próprios o eram. Foi muito difícil admitir que nem sempre queria estar a frente do painel, que me sentia sozinho ali. Que não tinha pernas para instituir tal dispositivo. Fazer o painel era “legal”, mas ficava em segundo plano em relação a qualquer outra tarefa. Estava frustrado com seus resultados, pois na minha cabeça tudo tinha muito sentido, mas na prática, não tinha certeza nem se os usuários se beneficiavam daquilo. Se o coletivo se apropriaria dele.

Foi neste momento que a idéia desse trabalho começou a surgir; essa demora para implementar o painel fez-me pensar e implicar-me pessoalmente no porquê dessa proposta e em outros “para quês” tantos pessoais como institucionais.

Fazer o painel em si, não me cansava, nem estar na convivência, porém, com o tempo, tinha muitas coisas a fazer que não me davam tempo para o painel. Eu evitava a tarefa como diria Käs (1991). Mas por quê?

Sentia-me sozinho. Não estava seguro com o que fazer a partir dali. Sabia que era importante expor os desejos, especialmente numa instituição onde encontramos grandes dificuldades de circulação dos desejos. Mas, isso não era suficiente. Os usuários escreviam coisas muito interessantes e me sentia incapaz de dar continuidade aos conteúdos ditos ali. Conversava com eles no “um-a-um”, mas

não tornava daquilo um dispositivo institucional. Na verdade, me daria mais trabalho do que conseguiria bancar, o “painel dos desejos” em sua potencialidade poderia tornar-se o centro único no meu trabalho. Imagine se me propusesse a formar um grupo realizador de desejos possíveis inscritos ali? Mesmo fazer um bolo de morango, ou organizar uma festa de aniversariantes de forma realmente produtiva, junto com os usuários, demandaria um trabalho que não me propus a dar continuidade - ou, mesmo chegar todos os dias numa hora marcada, no auge de uma convivência cheia, e ter que escrever, apagar, conversar, lidar com desejos massivos, impossíveis como uma forma de “*ter que*” – era uma responsabilidade muito grande para mim, naquele momento da minha vida. Tinha medo do meu próprio desejo. Do quanto aquilo me deixaria exausto, sozinho.

4.3.2. – Impessoal – Entraves para a realização da tarefa primária.

Houve uma fala de grande teor analizador feita por um membro da equipe que comentou o painel; “Ele tenta valorizar nossos desejos dentro do CAPS que são normalmente engolidos pela realidade cotidiana”.

Problematiza-se então, que além “das falhas” na convivência que fez criar a proposta inicialmente, o próprio processo como foi dado, levou a analisar as relações de trabalho e as dinâmicas institucionais que levam os profissionais a evitar a convivência, e a terem suas ofertas criativas podadas, muitas vezes por eles mesmos. Normalmente além dos elementos externos que barram diretamente tais iniciativas, (falta de condições materiais, de trabalho e etc.), há uma barreira subjetiva do desejo.

O aprimorando não era o único trabalhador insatisfeito por não realizar suas obras dentro do CAPS. Muitos trabalhadores queixavam-se da mesma questão.

Falta de tempo para realizar os “seus” projetos dentro do CAPS, falta de parcerias, cansaço e etc.

Projetos têm sentido se não mais se enxerga uma tarefa primária de forma coesa? A ideologização de como “deveria ser”, ou a total frustração do projeto do CAPS, ou colocar o problema nos outros, ou culpar a burocratização, ou as políticas municipais, estaduais e federais ou o contexto histórico ou dizer que era uma soma de todas as anteriores como forma de impedir a discussão (ou propiciar discussões infundáveis) não eram faces do mesmo fenômeno institucional? A impossibilidade de que desejos fluíssem com um sentido mais claro não era o sintoma aparente de tal fenômeno?

Ao instaurar um equipamento que tem também função *ideológica* para a reforma acaba-se por ignorar as *coisas como são* em detrimento de *como deveriam ser*. Ignora-se os itinerários, a marginalização dos próprios trabalhadores, e a desilusão corriqueira com “O projeto da saúde mental, da reforma psiquiátrica”, ignora-se os muros mentais presentes em todos os trabalhadores e usuários. É verdade que se discute tudo isso, mas há grande dificuldade de que esses saberes acadêmicos sejam postos em prática. A academia aqui também se põe e é colocada na posição de como “deveria ser”, mas não de como é. Mais uma fonte de sofrimento. Essa é uma das grandes contradições do projeto da reforma, ao tentar valorizar o sujeito, a loucura como produção, parece que colocaram um sujeito ideologizado, reformista, revolucionário. E que muros mentais e realidades capitalísticas são apenas barreiras quebráveis por tal ideologia. De certa forma ignora-se o sujeito mortificado, o sujeito capitalista e moderno. O sujeito desiludido, destituído de ideologias.

4.4. - Resultados do painel

Todos os dias que foram feitos o painel, acabava-se a atividade praticamente quando a acabava o espaço para escrever. Muitos usuários participavam. E muitos conteúdos eram colocados.

A seguir colocaremos um exemplo do quadro completo:

Ex: Dia 04-02-11

Ofertas	Desejos	Acontece aqui...
---------	---------	------------------

<p>C. - Sais de Banho Dizimos a Igreja R. – uma pizza J. – amizade, carinho, amor – falar, conversar, dar conselhos p/ pessoas, aula de desenho A. – fraternidade, amizade, união F. – amizade C. e A. – Café C. – Muito carinho L. – Saúde, felicidade J. emprego para quem ta desempregado e gosta de trabalhar.</p>	<p>C. - comer rapadura de cana, tomar banho na banheira do CAPS. Paz no mundo J. – mais amigos, melhorar, sair de casa mais vezes, saúde, falar meus problemas, ir à piscina do SESI. R. – Quer comer um bolo de morango. A. – Namorada F. – Trabalhar de vidraceiro C. – ficar bem, muita paz</p>	<p>C. – Acolhimento A. – O serviço do CAPS é humanitário L. – conheci amigos Nada pra fazer – tem J. - o ladrão rouba e acusa os doentes daqui J. - aula de desenho, saúde e beleza, mosaico, artesanato, ateliê P. – Reunião F. - Petição de cigarro (pede-se muitos cigarros) C. – A turma tem que parar de pedir cigarro Mais não sabe utilizar Deus Jesus senhor eu te amo</p>
--	--	--

Nota-se ai grande valor para intervenções clínicas. Temas para se discutir, desejos realizáveis e irrealizáveis, delírios colocados, críticas e elogios ao serviço, diálogos. Porém, por valor clínico não necessariamente fala-se de valor interpretativo, não é esta a questão.

O painel é um grande dispositivo de *Espera Ativa*, em meio a desejos e ofertas “genéricos” como paz e alegria, há grandes singularidades. E mesmo o desejo de paz, como exemplo, apesar de parecer genérico a primeira vista, pode dizer muito sobre um sujeito com pensamentos obsessivos e intermitentes que deseja paz e tranquilidade.

Outro ponto interessante do painel é o exercício promovido pelas questões que o fazem funcionar. *O que você deseja? Para você, para o CAPS, para hoje, e*

para outros momentos. Perguntas estas feitas livremente, e muitas vezes respondidas com um sonoro “nada”, mas não se fica no nada; ou se inscreve esse nada, ou provoca-se que o usuário busque algo a dizer, a desejar.

Depois, ou antes, há outra pergunta, talvez mais difícil ainda a ser respondida. *E o que oferece ao outro? Ao CAPS? O que de seu, você tem a oferecer? Um saber, um ato, qualquer coisa.* Essas perguntas causam muitas vezes imobilizações, mas saídas são obtidas, ou os usuários buscam respostas genéricas, ou objetos concretos ou pensam numa atividade, num saber que poderiam ensinar, mas sempre com muita dificuldade. É uma pergunta que lança um sujeito a olhar o outro; ao coletivizar-se um tem o poder de singularizar-se.

Já em *Acontece aqui...* os usuários se permitem a relatar a visão que têm sobre o CAPS. Muitas vezes críticas, outras agradecidas. É o local onde podem exprimir suas opiniões. Onde podem se apropriar do espaço que freqüentam diariamente.

Fazer o Painel não é simplesmente escrever ou entregar a caneta para que escrevam. Aquele que organiza a atividade vira um animador da convivência. Conversas são elencadas, diálogos estimulados, uma grupalidade informal se junta em torno da tarefa. Vínculos são feitos. O coordenador da atividade acaba por se tornar aquele que ouve os desejos alheios. Muitas vezes são feitos pedidos para conversas individuais após a atividade, outras informam que certo desejo foi ou poderá ser realizado. Enfim, o painel permite uma circulação e uma horizontalidade incomum dentro do CAPS.

Porém, pelo ano todo, o painel continuou a ser considerado “do aprimorando”. E, devido a esta dificuldade, decidiu-se instaurar uma espécie de “matriciamento” do painel, como último recurso para coletivizá-lo. O aprimorando se esforçava fazer o painel acompanhado de outros trabalhadores. Decidiu que ira “emprestar” seu desejo, assim como na clínica das psicoses, aos trabalhadores que demonstraram uma maior abertura, compreensão e disponibilidade para tocar o painel. Isso foi feito de forma também esporádica, pois neste ponto, o aprimorando sabia que a “sobrevivência” do painel não era tão mais importante, mas sim as

análises colocadas neste trabalho (como consequência do painel) como forma de gerar reflexões, rupturas e tentar criar um fluxo de ofertas sustentáveis e realistas dentro do CAPS. Pois, o Painel foi um dispositivo criado para fazer circular desejos, e o próprio foi um desejo do aprimorando, assim, espera-se com esse trabalho que outros desejos circulem, e que não necessariamente tem de ser na forma do Painel.

4.4.1 - Coletivizando o Desejo através dos desdobramentos do painel, ou seja, esse trabalho.

Junto ao painel havia um caderno, aonde se anotavam os desejos do dia para serem apagados. E isto estava explicitado no próprio painel. Ele se situava na gaveta da mesa do guarda. Logo, este caderno sofreu um grande atravessamento, pegaram o caderno, que já tinha desejos escritos e o transformaram em lista de presença dos usuários que chegavam ao serviço diariamente.

O interessante desse fato analisador não é quem fez, ou para que se fez, ou se sabiam ou não para que ele servia. Mas sim, o fato desta mesa estar situada fisicamente ao lado do painel, e mesmo assim, o dispositivo-painel não ter tido o alcance necessário para percorrer a distancia dentro do coletivo de alguns pequenos metros literais.

Este analisador deixou claro uma das dinâmicas do Novo Tempo, dispositivos, ações, oficinas, intervenções quase nunca se coletivizam entre trabalhadores e usuários. No caso do aprimorando, este não sentiu que era ameaçado ou acusado de suas falhas, pelo contrário, de maneira geral, notava-se muito respeito a suas falas e colocações. Porém suas ações eram invisíveis. O painel era invisível para a maioria que passava por ele, e invisibilidade gera desânimo, gera a não ação.

Uma dos trabalhadores disse que ficou muito chateado com esse ocorrido, exatamente porque se sentia da mesma maneira com os “seus” projetos. Sentia-se desrespeitado, repetindo uma fala comum da equipe “as pessoas são as primeiras a apontar dedos acusativos, mas ninguém vê o que de bom fazemos”

Atravessamentos ali eram produzidos diariamente e não parecia haver um projeto comum a ser compartilhado.

A dificuldade do aprimorando de compartilhar e visibilizar o painel que era visto como “seu” era igualmente proporcional a abertura da equipe a compartilhar e visibilizar suas ações e as ações dos outros entre eles.

Porém, será que realmente queremos dar visibilidade ao que consideramos um bom trabalho, uma boa ação? Isso não traria o sofrimento de ter que se responsabilizar por um projeto? Criando fantasmas como solidão, inveja e uma ruptura na dinâmica institucional que seria altamente ameaçadora para o CAPS? Será que reconhecer o CAPS com uma instituição louca, insuficiente e queixosa não é, no fundo, fonte tranqüilizadora para os trabalhadores? Afinal, nós, seres humanos, não nos sentimos loucos, insuficientes e queixosos, especialmente quando estamos em contato direto com a loucura? Sofrer da loucura institucional pode ser altamente apaziguador, já que sofrer junto (apesar de se sentir sozinho), sofrer compartilhando, sofrer por “culpa dos processos de trabalho” parece ser mil vezes melhor, mais tranqüilizador, do que ser o único a sofrer, a de se sentir como o único ser insuficiente dentro de um equipamento como o CAPS. Sofrer pelo trabalho é sintoma institucional, sofrer sem motivo aparente é loucura. E talvez aí resida um limite tabu do CAPS – o sofrimento do louco x o sofrimento do trabalhador:

Ora estamos de um lado, quando enlouquecemos, ora de outro, por exemplo, quando tratamos. É preciso muito senso estético, político, ético, clínico, demiúrgico até, para desmontar essa disjuntiva infernal. Necessitamos de muito espírito aventureiro para ir forjando asas, tanto no interior de uma instituição como fora dela, que nos permitam — a nós e a nossos pacientes — escapar a essa violência binária, que consiste em ter que optar sempre seja por um precipício abissal, seja pelo suave paraíso asséptico de uma estranha saúde, saúde sem desejo de asas nem um devir-anjo. (PELBERT, 1993, p. 27)

Porém, talvez esqueçamos com isso que a loucura do louco também é institucional, diversas instituições são enlouquecedoras; a família, o trabalho, a escola, o estado e até a própria saúde.

No fundo, será que não é essa a *formação de compromisso* (KÄES,1991) contratada inconscientemente num equipamento como o CAPS? Evita-se fantasmas⁴ criando um equipamento e uma instituição louca (o CAPS e a Saúde Mental ideal) para poder exprimir nossa loucura sem sentirmos ameaçados pela instituição da loucura (aquela descrita por Foucault, 1972) que nos parece ameaçar constantemente: “Os loucos, as prostitutas e delinquentes são os sintomas de uma sociedade perturbada e as instituições tendem a reprimir e segregar tanto como a própria sociedade, já que as instituições são os instrumentos desta última.” (BLEGER, 1984, p.62)

Será então, que ao fugirmos da loucura, ao tentar separar a loucura deles com a nossa não impedimos uma real convivência? E com isso não corremos o risco de adoecer ainda mais?

Não se propõe aqui um “vamos enlouquecer para tratar dos loucos”, pelo contrário, é “vamos atrás de nossas loucuras, para saber por que nossos desejos estão tão barrados e impossibilitados de fluir”.

4.4.2 - 1ª Pessoa: Sucesso ou fracasso?

Tenho consciência de que o painel em si não aconteceu. Mas espero que se torne um dispositivo, isto é, um acontecimento que gere rupturas no CAPS. O painel não é apenas ele, mas é esse trabalho como resultado dele, e outras conseqüências possíveis elencadas por ele.

E a mim, ele teve grande serventia, pelos momentos propiciados ao lado dos usuários, pelos atravessamentos analisadores e pela auto análise que me permitiu a começar a entrar em contato com questões sobre minha vida, meus desejos.

Relendo o trabalho, notei que comecei a falar da positividade do desejo, depois passei longas linhas falando do sofrimento. Citei muito certa desilusão. E

⁴“cada instituição vai constituindo ao longo de sua história, posições fantasmáticas em relação à população que atende. Nessa relação, a instituição se encontra numa tensão permanente entre a separação e a alienação à imagem que constrói de seus assistidos.” (MARAZINA, 2001)

acredito, que essa desilusão na verdade é positiva, ela tem potencial de liberar as forças do meu desejo. Me solta das amarras do ter que ser, e afina essa grande dimensão que o CAPS possui de gerar submissão, controle e de confortar a loucura coletiva como um sintoma institucional bem definido e apaziguador, para que não se ignore e para tentar compreendê-la melhor, sempre que em ação.

Sabendo isso, e tendo sentido isso na pele, agora me sinto mais livre para gerar rupturas e potencializar o outro lado da instituição: “os serviços de saúde têm uma dupla finalidade: produzir valores de uso (práticas produtoras de saúde, curadoras, cuidadoras e preventivas) e sujeitos trabalhadores mais autônomos e prazerosos.” (Campos, 2000 p.236), mas sabendo que no outro pólo da mesma dinâmica, a dupla finalidade é gerar também controle, tutela e até doença por parte dos usuários e submissão, apaziguamento e normatização do Fora (PELBERT, 1993)

5 – Encaminhamentos Finais: Fluxos de Desejos

Desejar pode ser visto pela sua positividade ou negatividade. Quando visto pela positividade geralmente enaltece-se as suas forças produtivas de geração de novidades, de instituintes, deixando de lado aquele desejo que temos de fazer parte,

o desejo que temos pelo instituído; há desejo em sofrer, desde que esse sofrer resguarde de um sofrer imaginariamente maior.

Já as visões negativistas sempre olham para o desejo como uma ameaça, algo a ser evitado, pois trará desordem não só ao processo civilizatório, mas às próprias organizações subjetivas. Tanto o desejo do outro, como o próprio são vistos como atravessadores da tranquilidade e da felicidade.

Obviamente, essas duas correntes dizem verdades, porém simplificam a questão. O desejo “positivo” também deseja o “negativo”, e vice-versa. Desejamos produção, vida, cura, felicidade, porém também desejamos sofrer, imobilizar-se, morrer e matar. Não há positividade ou negatividade nisso, não é uma questão de otimismo ou pessimismo, nem mesmo de realismo. Mas é uma questão de não simplificar entre dois pólos opostos. Eles não são opostos.

No caso do Novo Tempo isso parece ficar claro, Por que há tantas ações “boas” invisíveis, e más ações em pauta o tempo todo? Para que essa dinâmica serve? Frustrações, inseguranças são visíveis o tempo todo, já ações construtivas ficam restritas a “cada um com a sua”. E isso mantém as coisas como estão. Criticar o outro pela palavra ou queixar-se da solidão, do sofrimento tem pouca interferência no cotidiano. Mas será que queremos mesmo gerar um trabalho conjunto? Sabendo que para isso teremos que lidar com nossos medos e nossas insuficiências ainda mais do que elas já teimam em aparecer?

Uma experiência e reflexão do aprimorando mostra bem isso. Ao experimentar ser plantonista (pois, não *tinha que ser*) sentiu grande prazer ao mesmo tempo em que foi totalmente insuficiente em suas ações. O prazer estava ligado ao famoso “apagar o incêndio”. Trabalho de bombeiro, trabalho de herói. A adrenalina a flor da pele, o controle nas mãos, naquele dia o CAPS tinha um responsável por ele, pela loucura do território, e era o aprimorando. Grande prazer, reconhecido por ele e por todos os outros, e foi tão diferente daqueles dias a frente do painel, tinha prazer, mas era solitário (não que o plantão não seja, mas ele pelo menos é reconhecido por todos como algo heróico). Por outro lado, as tarefas

designadas ao plantonista eram tantas, exigia-se tanto do herói, que foi impossível olhar com atenção para, por exemplo, os leitos noite.

E porque o CAPS continua a ter essas figuras heróis? Será que não é porque é o desejo de todos serem heróis? Mesmo que insuficientes. Desejo também esta ligado ao prazer. Deseja-se aquilo que traz prazer. E ser plantonista dá muito prazer. (função parecida com ser referência) Estar no controle dá prazer, ser reconhecido dá prazer. Agora trabalhar sozinho num projeto que só um, ou poucos, vêm sentido é muito ingrato. Ficar na convivência é muito ingrato, não ter um incêndio para apagar parece que é um não fazer

E ainda tem os usuários. No meio de toda essa dinâmica, de desejos paradoxais dos trabalhadores, os usuários quase se parecem coadjuvantes. E este trabalho quase caiu no caminho fácil de culpabilizar os trabalhadores pela dificuldade de escutar os desejos deles. Porém, é mais complexo que isso. Usuários também fazem serventia dessa instituição louca que é o CAPS, também tem desejos conflitantes de submissão e autonomia. De uso (como sugere o termo usuários), de passivos (como sugere o uso do termo paciente) e de cidadãos ativos, produtores de novas realidades institucionais.

A grande diferença, talvez, entre usuários e trabalhadores, é que os primeiros são cidadãos que usam o serviço, os segundos, são cidadãos que trabalham no serviço. Mas ambos trabalham, produzem o serviço.

Mas e agora, o que se faz com tudo isso?

A frustração não é total. Ainda se acredita que esse tipo de serviço possa gerar potências. Na verdade, é o contrário, reconhecer a negatividade, os desejos imobilizadores, os prazeres em apagar incêndios, a loucura da instituição, a função apaziguadora de um sofrimento sobre o outro é um ótimo passo para gerar um trabalho terapêutico de fato. Não somos bons ou maus, queremos tratar e potencializar vida, mas também queremos fazer da nossa maneira, com o nosso controle. Reconhecer essa contradição é gerar saúde.

Esse trabalho coloca como hipótese que a dificuldade dos desejos fluírem no CAPS é sintoma tanto dessas visões que existem sobre os desejos, como também da dinâmica do CAPS de criar submissão e sofrimento para evitar um sofrimento imaginário e fantasmagórico que existira em passar para o “outro lado”, ou seja, a loucura. Os sofrimentos institucionais de Käes (1991), como a frustração com a tarefa primária, ou os entraves para a realização da tarefa, também, em parte, seriam sintomas dessa dinâmica.

Por tanto, ao tratar, não só atuamos sobre o sintoma, mas sobre aquilo que acreditamos ser também a dinâmica causadora de tais sintomas. Exemplos para causar essas rupturas são muitos:

Colocar um desejo em ação no CAPS (é o que se tenta fazer aqui), supervisões (que são sempre clínico-institucionais, indivisíveis), mudanças nos processos de trabalho (como no grupo de trabalho e no futuro conselho gestor), seres bordas (como aprimorandos, estagiários), em permitir a fala daqueles normalmente silenciados (como no caso de guardas participando de reuniões, auxiliares de enfermagem se colocando como observadores e coordenadores), sair do território, seja em matriciamentos, reuniões de eixo, conversas com outros CAPS e outros serviços, capacitações, formações, enfim a lista é grande. E de comum todos apresentam essa característica de gerar um novo, de trazer algo de fora, não necessariamente positivo, mas positivo e negativo ao mesmo tempo. Algo que ajude a quebrar ciclos viciantes dentro do CAPS.

5.1. – 1º pessoa: Um último eu.

Por último, queria dizer, que acredito dizer coisas importantes e fortes neste trabalho. E que obviamente dizem sobre minha experiência com o CAPS. Acredito

que me permito a dizer tudo isso exatamente por acreditar que algo esta sempre em produção no CAPS. É que esta equipe, apesar de seus (nossos) sintomas é potente e madura o suficiente para captar algo do que digo. É exatamente porque acredito nisso que me arrisco a visibilizar sombras.

Espero que o que se diz aqui não fique invisível, pois sei que é esse o grande risco. Por outro lado sei que trabalho ou os aprimorandos que estão por vir (e eu é claro) dificilmente virarão “bodes expiatórios”. Esta não tem sido a dinâmica da equipe e os agradeço por essa liberdade e potencia, assim como vocês tem permitido outros falarem e valorizado as falas deles (aprimorando, estagiários, guardas, serviços externos).

Agradeço por este ano passado no Novo Tempo, e pela equipe que de maneira geral me acolheu muito bem e valorizou meu trabalho.

6 - Referências

BASAGLIA, F. *A instituição negada*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

BENEVIDES DE BARROS, R. D. *Clínica Grupal*. In: Revista de Psicologia/UFF, n.7, 1996.

Benevides, R. (data desconhecida) Grupos e Coletivos: o desafio de criar dispositivos clínico-políticos de intervenção. Texto entregue por Rosana Onocko Campos na supervisão do PAP – Saúde Mental da UNICAMP/SP em 2011

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1984.

BRASIL, Ministério da Saúde, In:

http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=29797&janela=1

Acessado em 02/2011

CAMPOS, G. W. *Um método para análise e co-gestão de coletivos*. São Paulo: Hucitec. p. 236, 2000

DELEUZE, G. *Rachar as Coisas, Rachar as Palavras*. Em DELEUZE, G. Conversações, São Paulo: ed34, p.23-36, 1986

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Entrevista Sobre o Anti-Édipo*. In: DELEUZE, G. Conversações, São Paulo: ed34, p.23-36, 1972.

FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 1987

FOUCAULT, M. (1972) *História da Loucura na Idade Clássica*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KAËS, R. *Realidade psíquica e sofrimento nas instituições*. In: KAËS, R.; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E.; FORNARI, F.; FUSTIER, P.; ROUSSILLON, R. & VIDAL, J.P. (orgs.) - A instituição e as instituições. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo. p. 1-39, 1991

MARAZINA, I. *Psicanálise e clínica institucional. Navegar é preciso...* In: Estados Gerais da Psicanálise:

http://www.estadosgerais.org/encontro/navegar_e_preciso.shtml, 2001

MOURA, A. H. *A Psicoterapia Institucional e o Clube dos Saberes*, São Paulo: Ed. Hucitec, 2003

OURY, J. *Itinerários de formação*. Revue Pratique. p. 42-50, 1991.

PELBERT, P. P. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

_____. *Manicômio Mental: a outra face da clausura*. In: LANCETTI, A. Saúde Loucura. n.º 2. São Paulo: Ed. Hucitec. p. 131 – 138, 1990

SOUSA, H. R. *Institucionalismo: a perda das instituições*. In: Temas IMESC. Soc. Dir. Saúde. São Paulo, v.1, n.1, p. 13 – 24, 1984.